

VENTRE LIVRE

ROTEIRO 12 (roteiro de montagem)

de Ana Luiza Azevedo, Giba Assis Brasil e Rosângela Cortinhas

02/06/1994

CENA 1 - SALA DE AULA

Uma menina assistindo a uma aula de Geografia. A professora mostra no quadro um mapa do Brasil. Uma turma só de meninas presta atenção. No seu caderno, num mapa da América do Sul mimeografado, a menina pinta o Brasil de verde e amarelo. Entre outras alunas, a menina vê a professora girar um globo e localizar o Brasil. Toda a cena em leve slow.

Música leve, nostálgica.

TEXTO 1 - LOCUÇÃO FEMININA

Desde criança, no colégio, eu aprendi que o Brasil é um país grande: o quinto do mundo em território, o sexto em população. Eu aprendi a ter orgulho de viver no celeiro do mundo, o país do futuro, o gigante adormecido: a décima economia do planeta.

SOM DA SINETA

CENA 2 - SAÍDA DA ESCOLA

A menina saindo da escola com suas colegas. Atrás delas, outras meninas saem, até que a escola fica vazia. Então, uma servente velha e preta fecha a porta da escola.

TEXTO 2 - LOCUÇÃO FEMININA

Só muito tempo depois é que eu fui descobrir um outro lado: o Brasil é o quinquagésimo-segundo país em renda per capita, o septuagésimo-quarto em qualidade de educação, o último dos últimos em distribuição de renda.

CENA 3 - VALE TUDO

Música muda subitamente de ritmo.

120 imagens (table-top) do Brasil e dos brasileiros: riquezas, misérias, contrastes. Homens e mulheres. Futebol, carnaval, garimpo, indústria, soja, favela, praia, floresta, chacina, negros, índios, Carandiru, rostos sorrindo, rostos olhando, rostos desconfiados, um rosto jovem e expressivo de mulher com uma palavra pintada: CHEGA!

TEXTO 3 - LOCUÇÃO FEMININA

O Brasil, agora eu sei, é enormemente pequeno. Se um país pode ser definido por uma palavra, a do Brasil é certamente esta: DESIGUALDADE. Em nenhum outro lugar os ricos são tão diferentes dos pobres, os brancos dos pretos, os instruídos dos ignorantes... E os homens das mulheres?

CENA 4 - IMAGENS DO BRASIL

O Brasil visto de cima: vista aérea da floresta Amazônica, vista aérea dos prédios no centro de São Paulo.

Música grandiosa e repetitiva. Meio Wagner, meio Philip Glass, meio Leo Henkin.

O Brasil visto de passagem: no centro de uma grande cidade, na saída de Porto Alegre, numa favela em Recife, passando por um acampamento de colonos sem-terra.

TEXTO 4 - LOCUÇÃO MASCULINA

Cento e cinquenta milhões de habitantes. Cento e quarenta bilhões de dólares de dívida externa. Cento e cinquenta mil crianças morrem por ano em consequência da fome.

1º BLOCO DE NÚMEROS: Sobre a imagem, e em sincronia com o texto, aparecem letreiros com os números citados. Quando um número surge, o anterior permanece. Ao final do texto temos, sobre a imagem, os seguintes letreiros:

150 000 000
140 000 000 000
150 000

O Brasil visto de perto: homens trabalhando - só homens. Numa fábrica, numa obra, na colheita, num engenho. Uma dupla de violeiros canta algo sobre a "beleza da mulher". Homens e mulheres sem teto, brigando. Uma menina com olhar muito triste ergue o rosto, percebendo a câmara.

TEXTO 5 - LOCUÇÃO FEMININA

Neste país de desiguais onde eu vivo, qual é o meu lugar? Qual é a minha identidade? Quais as minhas respostas? As minhas desigualdades? (pausa) O que é meu nesse país?

CENA 5 - O QUE É MEU?

Imagens de mulheres, em suas casas, locais de trabalho, etc, dizendo trechos de frases. Quase todas são mulheres simples,

pobres, mas as imagens devem conter alguma forma de beleza, de esperança. Os trechos são pinçados de frases mais longas, mas cercados de pequenas hesitações, pausas para reflexão, compondo um ritmo sem pressa.

SÔNIA

(M1) A minha vida...

CLÁUDIA

(M9) A minha profissão...

ZEZÉ

(M19) Pros meus filhos eu quero (diferente)

MARILDA

(M2) A minha família é/

HILDA

(M20) A minha casa, adoro a minha casa.

MARIA DO CARMO

(M21) Meu mesmo não tenho nada.

KARINA

(M6) O meu marido...

LUCI

(M16) Ah, o meu país/

HILDA

(M23) Porque dentro do meu próprio casamento,

MARLUCE

(M22) A minha vida é muito (problemática)

LUCIANA

(M24) (só que) era um desejo meu, muito

CARMEN

(M25) Ah, o meu maior sonho assim

ADRIANA

(M26) O meu sonho é ter um filho, de cuidar do meu filho...

MARLOVE

(M27) Sonho, sonho?

HILDA

(M29) Minha saúde.

MARGARETE

(M15) O meu corpo...

MARIA DO CARMO
(M28) Corpo? É, o corpo é meu.

MARISA
(M14) O corpo é o meu, eu é que sei o que eu sinto.

CENA 6 - CORPO

Uma dança sensual, executada por uma carnavalesca sobre um fundo neutro. Intercalada com imagens de mulheres trabalhando, carregando água na cabeça, lavando roupa, louça, cozinhando grávida com filho no colo, carregando pedras numa frente de emergência, pendurando roupa na cerca.

Música bem ritmada, meio samba, meio batucada, meio Leo Henkin.

CENA 6-A - ESTERILIZAÇÃO: PRÉ

CARMEN (SILHUETA)
(G06) Às vezes quando acontecia um lance assim, eu achava: não vai ser nesse dia que eu vou ficar grávida. Pode ser como também não pode. (G07) Eu pensava sim, né, meu Deus, será que eu vou engravidar? Mas aí eu botava na minha cabeça um positivo assim: não, eu não vou engravidar.

HILDA
(E19) Todos os anos, assim, quando o meu corpo tava pe, querendo pegar uma forma, sabe, eu entrava no desespero. Aí quando eu via eu tava grávida.

MARISA
(E99) Quando um fazia um ano e um mês já... um outro neguinho já vinha vindo. Quer dizer que eu não tinha descanso nunca. E o meu corpo, como é que fica?

CENA 7 - ESTERILIZAÇÃO: VOLUME

Seqüência de imagens estáticas de mulheres numa escadaria não identificada, vista apenas como um fundo de listas paralelas. Na primeira imagem, apenas uma mulher no centro do quadro. A cada nome citado mais uma mulher aparece. No final do texto a escadaria deve estar completamente lotada de mulheres, o plano mais aberto possível, sem espaços vazios. Locução dizendo nome, idade, número de filhos e ESTERILIZADA.

TEXTO 6 - LOCUÇÃO FEMININA
Rosineide, dezoito anos, dois filhos, esterilizada.
Vera, dezenove anos, dois filhos, esterilizada.

Josenita, dezessete anos, nenhum filho, esterilizada. Maria Lúcia, vinte e um anos, cinco filhos, esterilizada. Hilda, quarenta anos, cinco filhas, esterilizada. Lourdes, vinte e quatro anos, três filhos, esterilizada. (BG) Carolina, dezenove anos, três filhos, esterilizada. Marina, trinta e cinco anos, quatro filhos, esterilizada. DeJane, dezessete anos, três filhos, esterilizada.

Quando a primeira locução vai a BG, entra a segunda:

TEXTO 7 - LOCUÇÃO MASCULINA

Brasil. Cento e cinqüenta milhões de habitantes. Setenta e seis milhões de mulheres. Quarenta milhões de mulheres em idade fértil. Onze milhões de mulheres em idade fértil, mas esterilizadas.

2º BLOCO DE NÚMEROS: Como no primeiro, os letreiros sobrepostos se acumulam, em sincronia com o texto. Ao final do texto, sobre a imagem, os letreiros:

150 000 000
76 000 000
40 000 000
11 000 000

CENA 8 - VERA E IVONETE

IVONETE

(E01) Meu nome é Ivonete dos Santos Silva, tenho (OFF) três filhos e a terceira eu tive com dezenove. (QUADRO) Aí foi quando eu fiz a ligação, né, quando desliguei.

VERA

(E02) Meu nome é Vera Guedes, tenho trinta anos, tenho duas filhas, né? Tive três gravidezes, me esterilizei com dezenove anos.

Chicote 1.

IVONETE

(E03) Eu vivia muito oprimida, o marido não era boa pessoa, né, nós não se dava bem, não vivia bem. Aí eu desisti a fazer isso aí, a ligação mesmo.

VERA

(E04) Fiquei muito chateada quando eu fiquei grávida da terceira vez, tava, era a minha terceira gravidez, a minha filha mais nova tava com um ano e meio, né? Aí eu optei pela ligação.

Chicote 2.

IVONETE

(E05) E hoje, pra vida de antes, dez anos atrás, faz dez anos já que eu tou separada do meu ex-marido. Pra hoje eu tou feliz na minha vida. Vivo muito bem com esse (OFF) meu segundo marido. Ele dá muita atenção a mim e a meus filhos também.

VERA

(E06) Eu participo do grupo de mulheres. Não é? O grupo de mulheres abre muito canal pra mim, pra mim conhecer várias coisas. Então, por exemplo, eu conheço todos os métodos contraceptivos e tenho acesso, não é, a eles, né?

IVONETE

(E07) Olha, me arrependi. (...) Me arrependi depois que fiz, depois que fiz a ligação. Se voltasse de novo, eu preferia, eu queria, eu preferia não, eu queria ter um filho dele, né. Um ou dois ainda eu queria ainda.

VERA

(E08) Não me arrependo, não. Tem uma coisa que é: quando eu, com dezenove anos, eu achava que eu tava fazendo a opção pela minha, eu achava que era eu que tava fazendo a opção mesmo, né? Só que eu não conseguia fazer a leitura que eu faço hoje, que nós somos levadas a fazer a ligação. Não é, com dezenove anos ninguém tem condição de tomar uma decisão que é pro resto da vida, né?

IVONETE

(E09) O problema é que eu não pensava nisso aí não, não que eu separei do meu marido eu tava com dezenove anos, (-) não pensei logo em arrumar outro marido, né, por isso que eu nem me liguei nisso aí.

Chicote 3.

VERA

(E10) Recentemente, eu me lembro que uma amiga minha dizia assim: Vera, mas você não fez a opção. E eu dizia: eu fiz, eu fiz, eu fiz. Eu não (-) conseguia compreender (-) que não era uma opção minha. (E12) Por que as mulheres se esterilizam? (E13) Porque os filhos é só, é só a mãe que toma conta, né, elas têm que trabalhar não têm com quem deixar, ganham pouco, não tem escola, não tem creche. Então essas coisas faz com que a gente não queira mais ter filho, né? Não é a dor, você, é difícil você encontrar uma que diga assim: não, é a dor de parir que me fez eu

ligar. Não é? É a situação que faz você ligar, a situação em que você cria os teus filhos.

Chicote 4.

IVONETE

(E11) Então? É, alguém me disse isso aí mesmo, lá no hospital mesmo: ah, Ivonete, isso aí com o tempo você se quiser você pode fazer novamente. Aí quando fui falar, voltei pro médico depois de cinco anos - não podia nem falar isso aí mas vou falar -, eu voltei pro médico que me ligou aí ele falou que não tinha mais jeito. Ele falou: o que eu faço tá bem feito, não tem esse negócio de eu fazer e desfazer novamente não, ele falou pra mim.

VERA

(E15) Se eu hoje não tivesse ligada, eu por exemplo eu poderia usar o diafragma ou outro método que eu quisesse. Não é? Porque eu tenho a informação e tenho poder aquisitivo de adquirir essas coisas. Na época eu não tinha.

IVONETE

(E14) É, se eu não fosse ligada seria mais diferente na vida de nós hoje. Porque a gente com um filho de um casal, né, casal meu e dele, meu filho e dele é uma coisa mais... Fica mais legal dentro de uma casa também né? (E102) (OFF) Aí nós conversando... Um dia aí ele falou: (E16) Ai, amor, se tivesse um filho de nós, se eu pudesse fazer um filho aí, meu deus, (QUADRO) era a minha felicidade e a sua também, falou pra mim. Aí eu falei: é Edson, também eu queria, queria ter uns dois, uns três se você quisesse. (E09A) E agora... é tarde né?

PASSAGEM 1: Foto PB de Ivonete, com o letreiro TARDE / TOO LATE se deslocando no quadro.

CENA 9 - FRENTE DE EMERGÊNCIA: INTRODUÇÃO

Um enorme buraco na terra seca do agreste nordestino. FRENTE DE EMERGÊNCIA. Pás cavando a terra. Mulheres tirando a terra e enchendo um carrinho de mão. Uma mulher carregando o carrinho cheio de terra. Em todo o buraco, são só mulheres trabalhando.

TEXTO 8 - LOCUÇÃO FEMININA

Pombos, agreste nordestino. Uma das muitas Frentes de Emergência criadas pelo governo do estado de Pernambuco. Vinte e cinco mulheres cavam um enorme buraco na terra seca. Talvez um dia, quando chover, o buraco se transforme em um açude. Enquanto a chuva

não vem, elas continuam cavando. Saem de um buraco e entram noutra. Dessas vinte e cinco mulheres, apenas quatro não são esterilizadas. Vinte e uma fizeram ligação de trompas.

CENA 9-A - FRENTE DE EMERGÊNCIA: DEPOIMENTOS

DEILDA

(E65) Eu fiz porque eu quis mesmo, não tinha condições de criar muito filho. Pobre não tem condições de criar muito filho, não.

TERESINHA

(OFF) Eu fiz. (E66) (QUADRO) Eu fiz porque eu era muito doente, né? Tive problema de hemorragia, tive nove filhos, foi nove hemorragias que eu tive.

LAURITA

(E67) Porque eu sofria muito. Quando eu casei, o meu sonho era ser mãe. Mas depois que, quando eu fui mãe pela primeira vez, eu achei uma coisa ridícula, sabe? Horrerosa, sofri muito.

TERESA

(E70) (OFF) Queria que deus (QUADRO) me desse todo ano um filho, porque se eu, deus só dá a quem tem condições de criar. E qualquer um a gente cria. Não vê que os filhos dos pobres são todos gordinhos. Minha mãe, minha irmã mesmo tem doze filhos. Você chega lá é tudo gordo, tudo forte. Uns comem bem, (OFF) outros comem mal, e resolve. (QUADRO) E deus só dá a quem tem condições de criar.

MARIA

(E68) Eu me casei pra ser mãe, mas me arrependi. Se soubesse que ter filho era tão ruim, que ser mãe sofria tanto, eu não tinha tido, tinha casado não, tava sozinha no mundo.

TERESA

(E70A) Eu tenho oito. (...) Oito. E queria ter todo ano um, só que deus não me dá.

LISA (OFF)

(E103) Deus me livre de ter filho todo ano. A gente fica seca!

LAURITA

(E73) Ô xente, a felicidade maior da vida foi eu ter feito essa ligação, porque, (E74) eu vivia assim muito preocupada no, no, sei lá, assustada, sabe? E depois que eu liguei foi completamente uma

tranqüilidade.

DEILDA

(E75) Achei bom demais.

MARIA (OFF)

(E100) Eu mesma gostei.

DEILDA

(E75A) Porque brinca à vontade e não pega mais nada.

TODAS

(risadas, confusão)

CENA 9-B - FRENTE DE EMERGÊNCIA: CONCLUSÃO

Rostos das mulheres na frente de emergência, falação e risadas de fundo.

TEXTO 9 - LOCUÇÃO FEMININA

Mercado de trabalho: oito horas por dia cavando a terra. Salário: Quatorze dólares e meio - por mês! No Brasil, uma cartela de pílula anticoncepcional custa em média cinco dólares. A camisinha custa um dolar e meio cada uma. O diafragma, oitenta dólares. A colocação do DIU, duzentos e trinta dólares. E a ligação das trompas pode ser de graça.

CENA 10 - ESTERILIZAÇÃO E VOTO

VERA

(E76) A gente sabe que a questão da ligação de trompas aqui no Recife também é muita coisa de politicagem por troca de votos. Se você chega aqui numa época de eleição, você vai encontrar maciçamente as mulheres indo pra maternidade como boi vai pro abate, né, assim. Muita gente em troca de votos.

CREUZA

(E77) Eu consegui fazer pedindo ordem à vereadora.
(OFF) Maria de Zequinha.

MARIA DE ZEQUINHA

(E78) No caso da esterilização, quando me procuram, às vezes, com critério, né? Existe aquela determinada pessoa que realmente precisa de uma esterilização.

CREUZA

(E77A) Eu pedi a ordem a ela pra ligar, que eu não

tinha condições de fazer uma ligação. Aí ela me deu.

MARIA DE ZEQUINHA

(E78) No caso, se o médico concordar, depois do dé, décimo filho em diante.

CREUZA

(E80) Eu tenho dois, tenho um casal.

MARIA DE ZEQUINHA

(E101) Mas tem que haver um critério pra isso, né, pra ver, o médico vai ver, vai examinar, vai conversar.

CREUZA

(E81) Não, só pediu o voto. Só isso.

DEILDA

(E86) Eu mesma consegui a minha ganhando também. Pedi à mulher do prefeito e ela me deu uma ordem. Fui e fiz minha ligação. Quem pagou tudo foi ela lá.

TERESINHA

(E85) (OFF) A minha eu consegui porque o prefeito me deu. (E91) (QUADRO) A gente votemos mesmo porque a gente desejava votar nele, mas que ele pedisse não, né?

FREDERICO

(E87) Vejamos bem. As mulheres que me procuram, normalmente, (OFF) são mulheres de poder aquisitivo lá embaixo. São mulheres, (E88) que me pedem (QUADRO) pra que seja feito uma ligação. Logicamente, eu não sou médico, não posso fazer. Mas aconselho e peço a pessoas ligadas, amigas, que as auxiliem, essas pessoas, gratuitamente.

ZULEIDE

(OFF) (E82) Eu consegui isso com Roberto Lorena. (E83) Vereador aqui de Pombos. (E89) Ele me deu o número da chapinha dele e sempre que votei com ele e graças a deus, que deus olhou por ele e ele ganhou.

FREDERICO

(E90) Uma mulher que tá com mais de seis filhos, essa mulher vai ter mais filhos pra quê? Pra deixar no mundo, ser mais um menor abandonado?

ADRIANA

(E56) Treze anos eu fiquei grávida. (E57) Chegou uma médica e o médico pra mim perguntou: você ainda quer ter filho? Aí eu fiz: quero não. Aí ele fez: então vamos fazer uma ligação? Eu nem tava por dentro de o

que era ligação. Aí eu fiz: como é? Ele fez: não, a gente aproveita a sua cesária, que o seu parto não vai ser normal, então a gente faz e você não vai ter mais filho. (E58) você é uma menina que vivia na rua, então você vai ter muita dificuldade. Eu fiz: não, quem sabe que daqui pra frente eu tenha um futuro melhor, possa ter o meu lar, ter minhas coisas e ter vontade de ter outro filho, porque quem tem um não tem nenhum.

FREDERICO

(E60) E para o próprio INAMPS, (E61) seria até barateado ao, ao, ao INAMPS isso, ao Governo. Por quê? Porque quando você faz a ligação de uma mulher, certo, essa mulher não vai ter mais filhos, em primeiro lugar. Segundo lugar: não vai ter uma criança pra ficar mais doente, ela não vai ter mais um parto, certo, e tudo isso vai ser em certo ponto uma economia.

PASSAGEM 2: foto PB de Frederico, com o letreiro ECONOMIA / ECONOMY se deslocando no quadro.

CENA 11 - ESTERILIZAÇÃO E EMPREGO (Eliminada)

CENA 12 - ESTERILIZAÇÃO E DESIGUALDADE

Imagens de maternidade: mãe dando banho no filho, amamentando, levando filho na escola, caminhando na vila com muitos filhos em volta... Travelling no corredor da Santa Casa, onde várias grávidas esperam sua vez numa fila interminável.

TEXTO 10 - LOCUÇÃO FEMININA

De um lado um direito reprodutivo, a vontade consciente de parar de ter filhos - arriscada, porque definitiva, mas tomada por opção real, radical, concreta. De outro lado, uma barganha por votos: um serviço grátis para quem nunca teve nada de graça, uma vantagem oferecida como salvamento, a possibilidade de um emprego. Para algumas um direito, para outras uma obrigação. No Brasil, a esterilização é desigual.

CENA 13 - VASECTOMIA: PRÉ

VERA

(E93) Na época que eu liguei era muito mais fácil. Você encontrava três ou quatro médicos que topavam fazer a ligação numa pessoa de dezenove, dezoito anos. (IMAGENS DE NOTÍCIAS DE JORNAL SOBRE AS CPIS)

(E94) Eles hoje têm um obstáculo me parece. Porque houve uma CPI da esterilização aqui em Pernambuco, né? (E95) Então, hoje se tem uns critérios. Eu sei de maternidade que tem uns critérios de seleção pra se fazer uma ligação de trompas nas mulheres, né?

CENA 13-A - VASECTOMIA: CRITÉRIOS

Pessoas na rua, homens e mulheres, caminhando, comprando, vendendo, passando. Um ônibus passa e cobre a última imagem.

TEXTO 11 - LOCUÇÃO FEMININA

Critérios de seleção. Critérios de classe. Critérios de gênero. Vinte e sete por cento das mulheres brasileiras em idade fértil já estão esterilizadas. Dos homens, menos de um por cento.

CENA 13-B - VASECTOMIA: DEPOIMENTOS

VLADILSON

(E40) (OFF) É difícil, viu? Encontrar um homem que faça uma vasectomia. (E41) (QUADRO) Não, eu, eu não faria, não. Faria não, porque eu, eu levaria pro lado machista, sabe? Isso é mais coisa pra mulher do que... Sei, não... De repente eu não posso nem explicar a você, só pra mim mesmo, entendeu?

MARLOVE

(E38) Pra mim, eu acho que se a mulher não quer, o homem até podia se cuidar, né? Mas aqui em casa não dá.

ARISTIDES

(E42) É que eu tenho medo até de agulha, de, de qualquer agulha, então fazer vasectomia tá descartado pra mim.

MARLOVE

(E38A) (risadas) Então, tá, então tem que ser eu mesma.

VERA

(E43) Tem a questão de achar que quem se esteriliza não é mais homem. Aqui no Nordeste tem muito esta coisa, né?

LECO

(E44) É, o, eu penso que pode diminuir a potência sexual. Isso aí eu tenho muito medo.

AMARO

(E48) Não, não... esse negócio de eu fazer ligação e a mulher ficar - não, quem faz é ela. Eu não, né?
(-) Bom, eu não sei, né, acredito que ela... Ela tem mais capacidade de fazer, né, ela já é mais acostumada, né? (-) Não, homem não é pra ser cortado não, né?

ALEMÃO

(E50) Eu acho que sim, eu até, eu fa, eu faria vasectomia, desde que a relação da gente fosse uma relação assim, que tivesse mais... como é que eu vou te dizer...

TACIANA E VLADILSON

(E51) Olhe, se o homem, ele procurasse direitinho olhar o lado da mulher, o quanto a mulher sofre... (VLADILSON: Hum...) ... eu acho que ele faria, sim. (VLADILSON: Não sei...) Eu acho que se, realmente, um homem que ele vê o sofrimento da mulher, acompanha as gravidez, vendo os meus problemas, acho que ele tinha tomado, né, a iniciativa.

VERA

(E52) Mas também por que esterilizar os homens, né? Eu acho que não deveria esterilizar nenhum dos dois, deveria ter meios de se evitar, tanto pra um como pra outro. Porque é uma maneira radical também, né, a esterilização do homem. Ele também pode ser que daqui a dois anos ele queira ser pai. E daí? Não vai ser, né? Por conta dessa, dessa ligação, dessa esterilização dele. Eu acho que a esterilização não é, não é caminho pra nenhum, nem pro homem nem pra mulher.

PASSAGEM 3: foto PB de Vera, com o letreiro CAMINHOS / WAYS se deslocando no quadro.

CENA 14 - EMERGÊNCIA

Imagem em movimento, a princípio desfocada, depois nítida: o teto de um corredor de hospital, as luzes passando, do ponto de vista de uma paciente sendo carregada em uma maca. Em primeiro plano, um vidro de soro pendurado e balançando. Quando o corredor está terminando, câmara corrige para baixo, enquadrando a parte superior da porta de EMERGÊNCIA. As duas folhas da porta se abrem bruscamente e dois enfermeiros se aproximam. Dentro da sala de emergência, os enfermeiros retiram a paciente da maca e a colocam numa cama ginecológica.

Os olhos da paciente se fecham.

Fade out.

O médico se aproxima da paciente e começa a agir com muita rapidez, demonstrando a gravidade da situação. Uma equipe médica realiza um procedimento de curetagem.

MÉDICO (OFF)

(A91) Só aqui nesse hospital nós atendemos cerca de mil casos por ano de complicações de aborto. Porque grande parte desses abortos são feitos por pessoas desqualificadas, e é por isso que acontecem tantas complicações: pela imperícia e pela negligência dos aborteiros. As complicações mais comuns são a infecção, a hemorragia e a perfuração uterina, que pode levar inclusive à esterectomia, às vezes em tenra idade. Já a infecção pode ser desde leve até muito grave, em casos extremos levando ao choque e à morte. (pausa) Seja qual for a complicação, e mesmo quando a intervenção é evidente, a grande maioria das mulheres não admite ter provocado o aborto.

Os olhos da paciente, fechados. Depois de um tempo, abrem-se. Ela olha em volta.

CENA 15 - JULGAMENTO: ACUSAÇÃO

Uma sala de tribunal, vazia. A voz do juiz ecoa pela sala.

JUIZ (OFF)

(A00) Maria Aparecida Ferreira e Marlene Pereira da Silva foram pronunciadas, respectivamente, como incursas nas penas dos artigos cento e vinte quatro e cento e vinte seis do Código Penal. É que a primeira acusada consentiu em que a segunda lhe provocasse o aborto, fato que ocorreu no dia dois de novembro de mil novecentos e oitenta e nove, nesta cidade do Recife.

ADVOGADO BARBA

(A01) (OFF) Olhe, eu diria que esse processo (QUADRO) tem todas as características de, de um processo assim que exala um forte cheiro de hipocrisia. Porque o aborto, apesar de estar formalmente referido no Código Penal como, como sendo uma figura típica, ou seja, como, como sendo um crime do ponto de vista jurídico, do ponto de vista formal, mas na sua essência, o aborto, na verdade, ele não é uma figura criminosa.

CARMEN (SILHUETA)

(A26) Bá, daí eu tentei fazer de tudo, só não tomei a injeção. Mas eu tomei um monte de remédio que eu nunca vi, que eu nunca conheci, que eu achei na casa

dessa senhora onde eu trabalhava. Aí eu tomei... ah, tomei tanta coisa, tomei chá.

DENISE

(A02) Quando eu era estudante na Universidade, eu participava de um grupo de mulheres. E em função disso, muitas mulheres estudantes, de classe média, algumas de classe média alta, ricas, procuravam o grupo pra contar as suas experiências de aborto.

(A03) E por esse motivo, em seguida assim a gente foi sabendo, tendo conhecimento do, de como eram as clínicas em Porto Alegre, onde elas se localizavam, quem eram os médicos que faziam... que tipo de aborto faziam, se era por sucção, se era por curetagem... (A04) Inclusive se era mais barata ou mais cara, mais popular ou mais sofisticada, como é que era. E era completamente sabido, né, acessível como informação para a maioria das mulheres. Até hoje é assim... As mulheres de classe média (A05) que têm acesso a um pouco de informação, de dinheiro, de cultura, sabem onde fazer aborto, por quanto e de que forma.

CENA 16 - ABORTO: VOLUME

Fotos de rostos de mulheres. Locução OFF dando nome, número de filhos e número de abortos.

TEXTO 12 - LOCUÇÃO FEMININA

Maria do Carmo, cinco filhos, quatro abortos. Luci, três filhos, cinco abortos. Cláudia, nenhum filho, um aborto. Marlove, cinco filhos, três abortos. Margarete, cinco filhos, nove abortos. Fábria, nenhum filho, um aborto.

Segue seqüência de fotos. Últimas fotos são fotos de mulheres em túmulos. Última imagem é um plano geral de um cemitério.

TEXTO 13 - LOCUÇÃO MASCULINA

Brasil, mil novecentos e noventa e três. Em um ano, seis milhões de mulheres grávidas. Talvez dois milhões de abortos. Possivelmente um milhão e meio de abortos praticados sem assistência médica. Provavelmente cinqüenta mil mulheres mortas em consequência de aborto. Em um ano.

3º BLOCO DE NÚMEROS: Sobre a imagem dos túmulos, os números são sobrepostos e se acumulam, em sincronia com o texto. No final do texto temos os seguintes números:

6 000 000

2 000 000

1 500 000
50 000

CENA 16-A - NÚMEROS CONTESTADOS

IRMÃ IVONE

(A74) Só no ano passado nós temos estatísticas de mais de cinco milhões de mulheres que fizeram aborto clandestino com dez por cento de mortalidade materna.

LÍCIA PERES (FILMAR)

(A72) Fala-se de um a quatro milhões de abortos por ano. Mas esses dados muitas vezes são inclusive subestimados, porque não se tem o número exato pelo fato de o aborto ser crime no Brasil.

AYUB

(A73) E a mortalidade, ahn, devida a eles não tem forma de ser calculada. Mas estima-se alguma coisa entre cinqüenta mil a cem mil mortes anuais. Talvez essa cifra seja um pouco exagerada mas, de qualquer maneira, ainda se ficasse mais pro lado dos cinqüenta mil, seriam mortes absolutamente desnecessárias.

Voltam os túmulos da cena anterior, sem os números, mas iguais, como se não se importassem com a discussão.

FIM DO ROLO 1

CENA 17 - JULGAMENTO: DEFESA

ADVOGADO BIGODE

(A06) Minhas senhoras e senhores. Seletto corpo de sentença. Aos senhores cabe hoje a função (OFF) não de julgar Dona Maria Aparecida ou não de julgar Dona Marlene. Os senhores não estão aqui hoje julgando essas duas senhoras. Os senhores estão aqui hoje julgando o aborto.

O advogado. As rés, cobrindo os rostos com as mãos. Travelling nos rostos atentos dos jurados. A sala do tribunal.

CENA 17-A - ABORTO: CONTRA E A FAVOR

ANA CRISTINA

(A07) Eu sou contra o aborto.

MARGARETE

(A57) Por eu fazer o aborto, eu sou contra o aborto, eu acho assim:

LUCI

(A58) Eu sou a favor.

MARISA

(A60) Eu agora sou contra.

REGINA

(A61) Melhor tirar do que deixar passar fome, né?

ANA LUIZA

(A59) Então eu sou contra o aborto, eu acho que o aborto...

BETÂNIA

(A09) O aborto deveria ser lega, legalizado, né?

JOSÉ

(A10) Eu acho que é contra a lei de deus.

LECO

(A11) Saber que vai vir um anjo depois, vai ter que matar o anjo. Bá, isso aí eu sou completamente contra.

ALEMÃO

(A12) Sou a favor, porque eu entendo que mesmo tu sendo contra eles não tão deixando de existir.

IRMÃ IVONE

(A13) Eu vivo em bairros populares já há mais ou menos vinte anos, né? E trabalhando diretamente com mulheres eu tenho mais ou menos oito, nove anos assim com diferentes grupos de mulheres. E o que me leva a tomar posição pela legalização do aborto é perceber que o aborto é uma prática que está sendo feita no Brasil e está provocando a morte de milhares e milhares de mulheres. (A14) E isto de maneira muito particular nas periferias das cidades brasileiras, né? Então, pra mim lutar pela legalização do aborto é lutar por uma, uma forma de vencer esta violência contra as mulheres.

PASSAGEM 4: foto PB da Irmã Ivone, com o letreiro VIOLÊNCIA / VIOLENCE se deslocando no quadro.

CENA 18 - ABORTO: QUANTOS FIZ? (Eliminada)

CENA 18-A - ABORTO: POR QUE FIZ?

MARIA DO CARMO

(A15) Por causa que eu tava sozinha e não me achava em condições de criar um filho. Botar um filho no mundo pra passar trabalho. Então, eu preferi optar pelo aborto, né?

ZEZÉ

(A20) Como que eu vou? Se eu não tenho condições de sustentar esses dois aqui, vou botar mais um filho no mundo? (A21) Mas eu até hoje eu me condeno por isso. Eu sou contra o aborto em certas con, certa parte. Eu acho isso: o que eu fiz, pra m, pra mim, na minha cabeça, é um assassinato.

MARGARETE

(A66) Fazer o quê? Se deixa vir no mundo, mata cinco. Ou atira. Pra turma, pra... virar trombadinha aí na rua, né? Porque o quê que uma criança sabe de defesa com cinco, com dez, oito anos de idade aí na rua se virando. O quê que vai aprender de bom? Nada, né? E aí nove meses eu vou levar a gravidez, e eles os nove meses como é que vão passar?

MARLOVE

(A19) E a carestia e tudo, né? Não podia trabalhar, e eu tava trabalhando, eu dizia: como é que eu vou trabalhar agora, com mais uma criança pequena?

DENISE

(A22) Foi porque eu engravidei e eu recém tinha tido um filho. Eu tinha tido um filho em fevereiro, engravidei era finalzinho de abril, maio. Primeiro eu fiquei perplexa que eu tivesse engravidado de novo, assim, foi aquelas coisas que a gente não controla. E na época eu avaliei que eu não tinha como ter outro filho. Primeiro porque eu sou profissional liberal, não tenho licença-maternidade, (-) (OFF) eu tava me sentindo assim, sobrecarregada mesmo por estar trabalhando, com uma criança muito pequena, amamentando. E segundo que eu achei que com ele, com o meu filho, (QUADRO) era uma certa traição. Ele tinha sido tão planejado, desejado, esperado. E eu imediatamente assim, começar a me envolver, sabe, amorosamente, afetivamente com um outro projeto, um outro nenê. Eu achei que significava tirar dele aquelas coisas que eu tinha planejado dar. E resolvi fazer.

PASSAGEM 5: foto PB de Denise, com o letreiro FAZENDO / DOING se

deslocando no quadro.

CENA 19 - ABORTO: COMO FIZ?

MARLOVE

(A32) Aí tomei remédio, nada. Aí tomei outro remédio, não veio; tomei outro remédio, não veio. (...) Tomava qualquer remédio que me ensinavam, tomava chá, tomava de tudo.

HELENA

(A27) Essa planta aqui se chama quebra-pedra. Então ela serve para os rins em pequena quantidade. E ela bem forte, botando muito, então ela serve para abortar.

MARGARETE

(A75) Desde o começo, eu me vi grávida, eu que, eu sabia, assim de cor que eu não posso ter, né? Aí eu comecei a tomar remédios, eu... Eu tomei Cytotec, eu tomei quinino, eu tomei um monte de coisa pra vir.

HELENA

(A29) Esse aqui chama-se saiva, é um mato chamado saiva. Ele serve para gordura no sangue. Em pequenas quantidades, né? Pouquinho, então ele serve. Mas se fazer o chá forte, então ele serve para o aborto. Muito bom, muito bom mesmo para o aborto.

MARIA DO CARMO

(A24) O primeiro que eu fiz foi com uma sonda. Colocaram uma sonda, lá em Gravataí.

JUREMA

(OFF) (A68) A sonda é esse aparelhinho assim. (A91) A gente coloca essa pontinha aqui direto na boca do útero, e deixa essa parte pra fora. (A70) Aí o ar entra aqui e provoca a secreção da mulher. (A69) (QUADRO) Quando tá recente, com uns três ou quatro meses de gravidez geralmente é que elas provocam com a sonda porque a criança já tem força pra descer também.

LUCI

(A77) Tinha sete meses já. (-) Só que a pessoa que tirava cobrava bem. E aí eu tinha que juntar dinheiro. (-) Aí eu demorei, fui trabalhar, né, juntei dinheiro. Aí eu fui na senhora que fazia, que botava, e... (-) ela me disse: ó, tu já tá de seis meses pra sete. Eu digo: não, mas mesmo assim...

HELENA

(A33) Esse coco chama coco anão. Então a gente chama coquinho, é o chá do coquinho. Então, o coquinho elas partem... em quatro quartos... Um joga fora... e os três quartinhos, elas fazem o chá... os três quartinhos, é como se fosse uma simpatia. E o coquinho vale até oito dias. Dentro de oito dias é válido o chá para o aborto.

MARLOVE

(A34) Aí eu fui ao médico, né, aí eu contei pro médico que eu tava tomando certos remédios. Aí o médico disse pra mim, disse: olha, Marlove, tu nem sabe como isso aí é perigoso. Porque tu pode até ter uma criança doente de estar tomando remédio, sem saber, e a criança não vir, depois amanhã ou depois tu pode ter um filho doente. (A35) A única coisa que eu posso te dizer, já que tu tá tomando tanta porqueira, que o único remédio que pode vir é o Cytotec.

MARGARETE

(A67) (OFF) O Cytotec é um comprimido que eles usam pra urso. (QUADRO) Eu não sei que química ele tem, ele vem a delatar o útero. E daí, a gente faz o aborto com ele.

ZEZÉ

(A36) Eu tomei Cytotec, né, tomei acho que uns quatro, cinco Cytotec.

MARGARETE

(A80) Eu mesma tomei assim de uma em uma hora, tomei doze comprimidos, tomei oito comprimidos na outra vez.

MARLOVE

(A38) Tomei quatorze, (A39) um atrás do outro. Tomei os quatorze de vez.

MARIA DO CARMO

(A46) Que se tava, a bem dizer, se entregando pruns carneadores, né, que não entendiam nada, né? Quer dizer que eu tava arriscando a minha vida, né?

MARGARETE

(A83) É, eu tinha medo de, claro, ir presa, que a gente sabe que o aborto não é legalizado, que não é normal, né? É um crime a gente fazer um aborto.

MARIA DO CARMO

(A46A) Tinha medo sim de ficar deitada na mesa e não levantar mais, né? Mas eu arrisquei. (A40) Porque a clínica tava cobrando muito caro, né?

MARGARETE

(A84) Mas horrível de caro! Horrível. Uma clínica aí... eu acho que hoje está numa base de uns trinta, quarenta mil.

PASSAGEM 6: Foto PB de Margarete, com o letreiro CARO / EXPENSIVE se deslocando no quadro.

CENA 19-A - ABORTO: LIMPO E SUJO

DENISE

(A41) Eu fiz aborto numa clínica, num bairro de classe média de Porto Alegre. Na época custou uns seiscentos, setecentos dólares, talvez. Era uma clínica luxuosa, assim... sofisticada.

CLÁUDIA

(A42) Uma mulher que trabalha de, na noite também, ali na Voluntários da Pátria, faz abortos com sonda. Ela me falou o preço e coisa e tal e disse o risco que eu tinha de fazer, porque já tava com quatro meses. Eu disse: não, eu não tou interessada em saber de risco, eu quero fazer. Aí ela fez.

DENISE

(A43) Eu entrei, primeiro fui atendida por um médico, era um consultório bonito, obras de arte na parede, ele perguntou sobre a minha história pregressa, se eu era alérgica a algum tipo de anestésico, se eu já tinha feito aborto, se eu já tinha tido filhos. Me mediu, me pesou. Ahn, depois passou para uma parte que era (OFF) como um bloco cirúrgico, assim, (A44) tinha uma enfermeira e então ali a gente tirava a roupa, botava uma túnica. Como pra uma operação mesmo. E passava pra mesa de, (QUADRO) onde seria feita a curetagem. Veio o médico, ele tava acompanhado das enfermeiras, eles mediram o anestésico, eu dormi...

MARLUCE

(A45) Foi num hospital, digo, não foi bem hospital, mas é um senhor que, ele trabalha lá com... Entende, né, da medicina, e lá ele aplica um remédio, eu não sei lhe explicar o que é, só sei que a gente perde.

CLÁUDIA

(A47) Ela foi na minha casa, colocou, é uma... sonda, lá dentro toda. (-) Comecei a sangrar, sangrar, sangrar, sangrar, tinha um balde do lado, comecei a sangrar, sangrar, sangrar. Tá. E ela metia o dedo e dizia assim, botava o ouvido, que ela já

foi enfermeira, botava o ouvido: não, não tá, não tá, friamente falando: não tá morta ainda.

DENISE

(A49) E eu fui para casa com uma receita com antibióticos que eu deveria tomar durante determinado período para evitar qualquer infecção. De qualquer forma, não tive sangramento, não tive dor, não tive infecção. Tomei os remédios só por precaução.

MARGARETE

(A71) A última, agora, eu quase morri. Eh, eu botei a sonda por duas vezes, ela pegou em canal errado, ela pegou. E aí então a infecção, dá infecção, eu levei dez dias induzindo pra vir.

DENISE

(A49A) Duas ou três horas depois eu tava em casa. Senti um pouco de sono, dormi, mas não tive nenhuma seqüela física que eu pudesse notar, como sentir dor, enjôo, sangramento, nada, nada, normal.

Imagem de Denise permanece, como se ela estivesse ouvindo uma pergunta. Depois, é substituída pela foto de Rosa.

TEXTO 14 - LOCUÇÃO FEMININA

Denise, um filho, um acidente, uma opção. Rosa, dois filhos, três abortos e uma última tentativa.

REGINA (ROSA)

(A86) E ela sentava aqui na minha área, ela só queria comer só coisa gelada, gelada, gelada. Eu dizia: pai, essa tua irmã tá com algum problema. E eu dizia: Rosa, o quê que tu tem, cunhada? Vamos, me conta. E ela não me dizia.

CLÁUDIA

(A88) Meu corpo dava pulos dessa altura e a língua começou a enrolar.

MARIA DO CARMO

(A25A) Eu tive hemorragia, né?

REGINA

(A87) E eu levei ela. Ela bateu na minha casa, e o nenê tava pela metade pra fora e metade pra dentro. Quando eu cheguei no hospital tava em miséria.

BETH

(A23A) Comecei a sentir muitas dores, né?

LUCI

(A85) Passei muito mal. Fiquei até azul.

HÉLIO

(A89) Então era preferível que ela morresse com o nenê e tudo que era mais fácil. Então ela morreu com cinco meses de gravidez. Ela e o nenê morreram tudo.

Volta a imagem da cruz no cemitério.

MARGARETE

(A90) Dói, né? É certo? Ninguém responde, ninguém diz nada. Tá certo assim...

CENA 20 - ABORTO E DESIGUALDADE

Imagens de jornais com manchetes que mostrem que o aborto é tema polêmico e em discussão no Brasil intercaladas com imagens de protestos, imagens de aborto em fotos.

TEXTO 15 - LOCUÇÃO FEMININA

No Brasil, o aborto é crime. Um crime cometido pelo menos dois milhões de vezes todo ano. O Estado, a Igreja e a Justiça fingem que não vêem. Porque o aborto é crime, ele também é desigual. De um lado uma intervenção cirúrgica rápida, sem riscos, fora do alcance da Lei. De outro lado, a grande maioria dos casos, abortos praticados sem as mínimas condições de higiene. Hemorragias, dilacerações, culpas. Pelo menos cinquenta mil mulheres morrem por ano no Brasil porque o aborto é crime.

CENA 20-A - ABORTO E VIDA

IRMÃ IVONE

(A51) Então, em relação ao aborto o pessoal diz assim: não, a Igreja não pode defender a morte de um inocente. E eu digo: (OFF) independente de mim, as mulheres estão fazendo aborto. (QUADRO) (A53) E a legalização é em defesa da vida, e da vida de todas as pessoas, não é, da vida da mulher também. Por quê que eu posso falar que a gente tem que defender apenas a vida do inocente? A minha pergunta é: e a vida da mulher? E a vida dos outros filhos? São vidas também, portanto a legalização é uma postura em defesa da vida.

CENA 21 - JULGAMENTO: SENTENÇA

A sala do tribunal, vazia. A voz do juiz ecoa pela sala.

Entra música triunfal quando o juiz diz a palavra "absolvo".

JUIZ (OFF)

(A54) Isto posto, cumpridas as formalidades legais, com suporte na decisão do egrégio conselho de sentença, ABSOLVO, como absolvido tenho, as acusadas Maria Aparecida Ferreira e Marlene Pereira da Silva, sem custas, publicado em plenário e as partes intimadas, registre-se: Tribunal do Júri da comarca do Recife, Roberto Ferreira Lins, juiz, presidente do Tribunal do Júri.

Imagens rápidas de outras mulheres que deram depoimento sobre seus próprios abortos, todas sorrindo. As rés se levantam. Uma das mulheres chora. Advogado cumprimenta as rés. Juiz bate o martelo.

CENA 21-A - ABORTO: CONCLUSÃO

IRMÃ IVONE

(A55) O aborto não pode ser uma solução isolada, mas o aborto, a legalização do aborto deve entrar como algo num conjunto maior, que é a preocupação com a limitação da natalidade, com a educação sexual, ahn, infantil, juvenil, uma programação mais apurada da saúde da mulher. E que eu tenho muita consciência de que com a política falida do Brasil isso não tá sendo possível. Mas nós temos que lutar, isso é uma questão social, isso é uma questão política, nós temos que lutar pelas, pela melhoria de condições para a vida da população e de maneira particular para a vida da mulher marginalizada.

CENA 22 - PAÍS DO FUTURO

Bandeira brasileira tremulando em slow.

Música estilo "aquarela do Brasil".

TEXTO 16 - LOCUÇÃO FEMININA

Brasil. O país do futuro. Um país jovem.

Caras pintadas, jovens bonitos dançando, caminhando, namorando, na praia, na escola, sempre em grupos, em bandos. Última imagem é de uma adolescente grávida andando sozinha por uma rua sem calçamento.

TEXTO 17 - LOCUÇÃO MASCULINA

Trinta e dois milhões de adolescentes. Treze milhões de adolescentes fora da escola. Onze milhões de adolescentes subempregados. Um milhão de adolescentes grávidas a cada ano.

4° BLOCO DE NÚMEROS: Ao final do texto temos, sobre a imagem, os seguintes letreros:

32 000 000
13 000 000
11 000 000
1 000 000

CENA 23 - GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: VOLUME (Eliminada)

CENA 23-A - GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: INTRODUÇÃO

CARMEN (SILHUETA)

(G12) Depois que eu parei de fazer aquelas bobagens de tirar o nenê eu fiquei feliz da vida, né? Eu disse: não, agora eu vou ter o meu filho, eu nunca mais eu vou ser sozinha. Pelo menos uma companhia eu (-) vou ter. Eu posso perder os estudos, eu posso perder aquela vontade de um dia, de ser um dia alguém assim, né, pelo menos eu ia ter alguém comigo.

CENA 24 - GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E DESIGUALDADE

*a Crianças brincando na vila. Meninas brincam de boneca, de casinha. Meninos andam de moto, jogam futebol.

*b Crianças ricas brincam com brinquedos sofisticados.

*c Meninos simulam uma guerra, com muitos tiros. No final, um deles é metralhado por um bando de outros. Os sons são de tiros "reais", de revólver, de arma-laser, de bazuca e de metralhadora.

TEXTO 19 - LOCUÇÃO FEMININA

(a) País jovem, país do futuro. Sempre, sempre de um futuro que nunca chega. Futuro que é sempre dos outros, da próxima geração, dos nossos filhos. Filhos que também serão desiguais, porque gerados de vontades desiguais de mães desiguais. (b) De um lado, continuação, coroamento de vida, felicidade compartilhada. (c) De outro lado, renúncia, desistência, possibilidades transferidas. No Brasil, enquanto o futuro não chega, a gravidez é desigual, a adolescência é desigual, a vida é desigual.

CENA 25 - A HISTÓRIA DE CARMEN: INTRODUÇÃO

CARMEN

(G46) O meu nome é Carmen. (-) A minha idade é dezessete anos. (-) Eu tinha quinze anos na minha primeira gravidez.

Música: tema de Carmen.

PASSAGEM 7: foto PB de Carmen, com o letreiro A HISTÓRIA DE CARMEN / CARMEN'S STORY se deslocando no quadro.

CENA 26 - A HISTÓRIA DE CARMEN: INFÂNCIA

Criança pequena sendo entregue, com cuidado, de um colo para outro.

CARMEN

(OFF) (G54) Quando a minha mãe me entregou, eu lembro assim que ela me deixou naquela casa lá daquela senhora. E que toda hora assim depois que ela saiu eu perguntava assim: ah, onde é que tá a mãe? (G54A) (QUADRO) Dizia: não, a tua mãe foi tchau-tchau, ela já vem, ela já volta, né? E com aquilo ali foi me enrolando, semanas, meses, anos, e eu sempre fui sabendo que aquela ali não era a minha mãe.

Uma criança de dez anos sai de uma casa humilde, passa o portão e afasta-se pela estradinha.

CARMEN (OFF)

(G01) Eu saí de casa porque os meus pais de adoção bebiam. Meu pai era querido, mas a minha mãe bebia muito. Então, eu fugia muito de casa e eu pedia muito auxílio à minha madrinha que morava do lado, ela me ajudava muito. Só que com dez anos eu decidi sair de vez.

Travelling em uma rua de casas bonitas de classe média.

CARMEN (OFF)

(G01A) Daí eu comecei a bater de porta em porta. Em cada uma dessas casas bonitas assim, eu batia de porta em porta assim, (G55) não, agora eu vou trabalhar, eu vou ganhar o meu dinheiro... (G45) Fui pra uma casa de família, onde eu fiquei até os quinze anos. Depois dos quinze, eu saí dessa casa de novo e fui morar num circo.

Imagens do cotidiano de um circo pobre. Uma criança brinca entre os trailers e a lona. Uma bailarina entra no picadeiro e se apresenta para a câmara, meio sem graça. O ônibus onde o circo viaja. A estrada passando.

CARMEN (OFF)

(G47) Eu escolhi o circo porque era, é a maneira mais fácil que eu tinha pra viajar. (-) Daí eu fugi daquela casa, fui com o circo e aproveitei a carona dele de viagem, assim.

Uma mulher passa a ferro uma roupa de artista circense. Uma outra varre o picadeiro. Um homem mais velho faz a barba, tendo elementos do circo ao fundo. Uma mulher mais velha limpa a pia do trailer. Um jovem bonito faz malabarismo com três garrafas.

CARMEN (OFF)

(G48) Conheci um monte de gente diferente. É, lá eu trabalhava assim com o diretor do circo, cuidava do nenê dele, cuidava do trailer dele pra mulher. Só que eu me dei mal, né, acabei engravidando de um rapaz... (G56) Com quinze anos. (G03) Então, eu peguei, arrumei as minhas coisas e saí.

CENA 27 - A HISTÓRIA DE CARMEN: MÃE

CARMEN

(G49) Daí... Foi tudo por água abaixo assim quando eu descobri que eu tava grávida, assim. Não, não tinha como trabalhar, a gente não consegue emprego grávida. E estudar, então, muito menos, porque tinha que pagar os estudos e os materiais, e pra isso precisava de dinheiro.

Música: tema do parto.

Uma maca entra na sala de parto, conduzida por enfermeiros apressados. Rosto da mãe adolescente, nervosa. Médicos trabalhando, rotina. Força. Gemidos. Impaciência. Mais força. O milagre. Choro da criança. Choro da mãe. A criança é colocada nos braços da mãe. A mãe olha emocionada para a criança.

CARMEN (OFF)

(G60) Era uma menina. A nenezinha. (G50) É, quando nasceu foi... aquela emoção assim... (G61) A gente não sabe se chora, se ri, eu fazia as duas coisas ao mesmo tempo assim, (G50) Eu às vezes olhava pra aquele nenê, assim, e achava: não, eu não sou mãe desse nenê, eu sou irmã... Bom, eu não conseguia acreditar assim que eu era mãe.

CARMEN

(G51) Eu fiquei com ela até os quatro meses, daí eu comecei a passar necessidade com ela, né? E ela não mamava no peito, assim, eu tinha que tá toda hora comprando leite pra ela, daí eu não vencia comprar leite, ela ficava doente, tinha que estar no médico.

CARMEN (OFF)

(G16) (a) Até na hora de, que eu fiquei na frente do juizado, assim, assinando aqueles papéis, eu não sabia se eu assinava ou não assinava. (b) Mas como eu sou muito assim - eu faço muita loucura por aí, né, mas ao mesmo tempo eu sou muito encabulada na frente de certas coisas - então, eu não tive coragem de dizer assim: não, eu não quero dar mais a minha filha. Mas ao mesmo tempo eu pensei, eu pensava assim: (c) meu Deus do céu, eu vou voltar pra Porto Alegre e não sei nem aonde é que eu vou ficar. Porque quando eu voltei pra cá eu fiquei na rua. Então, eu ficava pensando, né: não sei nem se eu vou arranjar um lugar assim no mesmo dia. Minha filha vai ficar comigo na rua, assim. Alguém pode ver e querer tirar a minha filha de mim e eu nunca mais ver. Então, eu pensava tudo isso ao mesmo tempo. (d) Então eu peguei e dei assim de vez, né, assim. (e)

*a O prédio do juizado de menores. A porta da sala do juiz, com a inscrição correspondente, se abre. Um livro pesado é aberto. Uma pequena mão pega uma caneta e prepara-se para assinar.

*b Imagens de Carmen na instituição, mas sem revelar a barriga.

*c Mãe com filho no colo pedindo esmola na sinaleira. Mãe e filha sem-teto, sentadas no meio de uma pilha de papelões. Crianças de rua pedindo esmola, cheirando cola, vagabundeando. Miséria.

*d Novamente a criança pequena é entregue, de um colo para outro.

*e O livro é fechado.

Capas de revistas "de amor": Sabrinas, Júlias, Barbaras Cartland. Mulheres apaixonadas sendo abraçadas por homens maravilhosos. Títulos correspondentes.

CARMEN

(G52) (OFF) Eu conheci um, um rapaz em, em Porto Alegre, né, num hospital, (QUADRO) e eu fiz amizade com ele, mas eu nunca desconfiei assim no começo que a, daquela amizade ia sair alguma coisa assim.

Mais imagens de namoro, falsas, de capas de revista.

CARMEN (OFF)

(G20) Daí, sei lá. A gente começou a namorar, namorar, e quando eu vi aconteceu de novo e eu engravidei de novo.

Carmen abre a janela de seu quarto na instituição. Agora, pela primeira vez, vemos que ela está grávida.

CENA 28 - A HISTÓRIA DE CARMEN: FIM

PASSAGEM 8: foto PB de Carmen, visivelmente grávida, com o letreiro O FIM DA HISTÓRIA / THE END OF THE STORY se deslocando no quadro.

CARMEN (SILHUETA)

(G28) Ah, hoje eu... sei lá. Por um lado eu gostaria que não tivesse acontecido nada disso.

Juiz bate o martelo de novo.

Placa com a inscrição "Lar de São José". Fachada do prédio. Uma mulher entra caminhando na casa. Carmen aparece em silhueta, falando.

TEXTO 24 - LOCUÇÃO FEMININA

Condenada a ser desigual. Em novembro de noventa e três, Carmen estava internada num asilo para mães solteiras, sob a guarda de um juiz que não permitiu que seu rosto fosse mostrado. Com três meses de gravidez, Carmen ainda pensava em procurar o pai de seu filho.

CARMEN (SILHUETA)

(G26) Ele sabe que eu tou grávida. Só que... ele é casado, então ele tá me enrolando muito, né? Ele diz que quando o nenê, nenê nascer ele quer me ajudar. Mas ao mesmo tempo ele quer o nenê pra ele, criar com a mulher dele. Daí, daqui a um pouco ele muda de conversa, né, que: "não, eu vou te ajudar, né, eu vou ajudar tu, o meu filho", não sei o quê. Eu não sei, ele tá me enrolando muito, assim. Às vezes, já tou pensando em decidir por mim e por ele. Eu ter o meu filho sozinha.

Juiz bate o martelo pela terceira vez.

Imagens do cotidiano de Carmen na instituição: estendendo o lençol da cama, servindo pão na mesa de café, recolhendo roupa num varal, tricotando com um grupo de outras meninas grávidas.

TEXTO 25 - LOCUÇÃO FEMININA

Condenada a tentar de novo. Em março de noventa e quatro, Carmen havia fugido para outra instituição, em uma cidade vizinha. Faltava um mês para nascer o seu segundo filho. Dois meses para terminar o seu período de asilo. Dois meses para voltar pra casa. Qualquer casa.

Carmen e outras meninas, de pé, em volta da mesa. A oração termina

e elas sentam. Carmen toma o seu café.

CARMEN (OFF)

(G62) Ai, quando eu sair daqui eu pretendo arrumar um emprego, que eu possa ficar com o meu nenê. A única coisa que me resta fazer é isso.

CARMEN

(G53) Às vezes eu tenho medo assim que tudo aconteça de novo assim, né, e, de dar, ahn, de sofrer de novo, de ter que dar o nenê. Às vezes eu fico pensando assim, às vezes eu fico meio braba comigo mesma, meio revoltada, e eu começo a pensar: não, eu vou dar esse nenê antes, né, daí eu não vou nem querer conhecer pra não ficar lembrando do rostinho do nenê. Mas... ah, quando eu vejo as roupinhas assim eu fico pensando: não, mas vale a pena lutar de novo, né? Que se eu vou ter esse nenê talvez seja pra mim tentar mudar, né? Lutar. Fazer de tudo aqui, fazer tudo aquilo que eu não consegui fazer antes. Talvez seja essa a chance, e eu não posso botar fora.

Música.

CENA 29 - CARMEN E AS OUTRAS

*a Rosto de Carmen se movimenta em slow. Carmen se levanta. Caminha em direção à câmara.

TEXTO 20 - LOCUÇÃO FEMININA

(a) Que lógica condenou Carmen a tantos abandonos, tantos confinamentos, tantas fugas, tão poucas chances? (b) A mesma lógica que sempre projeta soluções no futuro: as pessoas depois do país, (c) a igualdade depois do crescimento, a quitação da dívida só depois dos juros, a salvação depois da morte. Que lógica é essa que faz do aborto um crime e da esterilização uma bênção? Que país é esse cuja única lógica, há quase cinco séculos, é a da desigualdade?

*b O globo girando na sala de aula. A menina do início do filme presta atenção.

*c Voltam imagens das mulheres que já apareceram no filme, todas refletindo, pensando, concordando ou discordando com a cabeça.

*d Numa sala de projeção, várias mulheres que apareceram no filme assistem ao próprio filme. Conversam, comentam, discutem, emocionam-se, riem.

TEXTO 21 - LOCUÇÃO FEMININA

(d) Desde crianças, no colégio, nós sabemos que existem outras lógicas. Que desigualdade e diferença não são a mesma coisa. E que o país dos desiguais é só a caricatura do mundo dos desiguais. Mas que é possível levar igualdade para onde nos querem desiguais, e instaurar a diferença onde nos querem sempre indiferentes. Nesse país. Nesse mundo.

CENA 30 - NOSSA HISTÓRIA

No ambiente da sala de projeção, as mulheres que já apareceram no filme dizem trechos de frases.

MARLOVE

(N1) Esse é o nosso mundo.

HILDA

(N2) ...somos nós.

MARIA DO CARMO

(N3) ...é a nossa vida.

DENISE

(N4) E essa é a nossa história.

FIM

(c) Ana Luiza Azevedo, Giba Assis Brasil e Rosângela Cortinhas,
1994

Casa de Cinema de Porto Alegre

para John D. & Catherine T. Macarthur Foundation

<https://www.casacinepoa.com.br>